

Editorial

“A Farsa Eleitoral

A cada dois anos a população é convocada a votar. O voto é obrigatório para escolher os que exercerão cargos no legislativo e executivo, os que farão as leis e os que as executarão. Chama-se isso de eleição e acredita-se que assim estamos exercendo a democracia.

Nós anarquistas chamamos a isso de FARSAS ELEITORAIS.

Não cabe mais o argumento de alguns da década de 1980 que diziam que o povo não tinha experiência, logo capacidade para votar. Temos mais de 30 anos de eleições e gerações estão sendo educadas nessa falsa democracia. Farsa porque primeiro as pessoas são obrigadas a votar e o voto deveria ser facultativo.

Mais um elemento dessa farsa é acreditar que com as campanhas sendo financiadas pelo Estado, nosso dinheiro, não haverá mais a relação promiscua entre políticos/partidos e empresários. Fato denunciado através dos inúmeros casos de corrupção não só desse governo ou de um partido mas de todos os governos e partidos no Brasil e no mundo. O poder corrompe e quanto mais poder mais corrupção.

Cadê o legado da Copa do Mundo de Futebol de 2014? Vocês de fato acreditam que haverá algum legado positivo com as Olimpíadas do Rio de Janeiro? O que vimos e vemos é a especulação imobiliária que despejou de seus locais de moradia comunidades que ali estavam a mais de um século. Qual resultado das obras para melhorar o transporte coletivo público? Estádios que não serão utilizados foram construídos e no que isso beneficiou a população?

Farsa porque defendem que o eleitor através dos grandes monopólios de comunicação está bem informado. Grande engano. De fato não conhecemos os candidatos e os que estão tentando se reeleger são cínicos, hipócritas e mentirosos pois negam e não divulgam os inúmeros processos que a esmagadora maioria responde.

Segundo Dimenstein em “Como não ser enganado nas eleições”¹ com o marketing, político fica igual a sabonete, um produto para ser vendido, só mostram o seu melhor, mas e quando o sabonete/político não presta e nos faz mal? O sabonete podemos jogar fora, mas o político fica no mínimo 4 anos atrasando a vida do povo, inclusive de quem não o elegeu, assim com toda essa transformação realizada pelo marketing é quase impossível conhecê-lo de verdade

Poucos são de fato responsabilizados pelos seus atos. A lei é injusta e favorece os que tem mais poder e condições financeiras. É fato que alguns casos denunciados tem tido apuração, julgamento e condenações porém a grande maioria ainda se arrasta num judiciário comprometido com seus interesses políticos ou de classe. A justiça não é cega ela enxerga e tem feito a balança favorecer políticos e empresários contra os trabalhadores e a população em geral.

Ganhe quem ganhar as eleições pouco ou nada muda na vida dos trabalhadores, das donas de casa, dos estudantes, dos desempregados. Dentro das fábricas, nos campos, escolas, moradias é sempre a mesma luta.

Existe alternativa. Procurar conhecer seu vizinho, colega de trabalho, estudo, lazer. Conhecer seu bairro, o local onde trabalha, estuda, pratica esporte e produz cultura. Saber dos problemas comuns que afetam a todos ao seu redor. Identificado esses problemas chama-los para se organizar para a luta. As conquistas, as verdadeiras conquistas virão dessas lutas, do aprendizado das formas menos hierárquicas e centralizadoras, mais

solidárias de organização. É no crescimento da luta e para a luta que construiremos uma vida de fato ética. Do local de trabalho a organização cresce para o bairro, para a região e a cidade, afinal os problemas de um geralmente são os problemas dos demais. Crescer sempre na relação com o outro, como uma grande rede de segurança que abraçara a todos nós.

Na última eleição alguns anarquistas fizeram publicamente a defesa do voto em determinado candidato, era o tal voto crítico. Argumentavam que devido às conquistas e o avanço da direita tínhamos de nos posicionar a favor de um determinado projeto de governo.

Respeito os que defendem o voto crítico, mas as mazelas do processo eleitoral hoje constatadas já eram de conhecimento a séculos, foram estudadas, duramente criticadas por pensadores anarquistas que sempre defenderam o voto nulo, a associação para a organização e luta, de baixo para cima, do simples para o composto, sempre de forma horizontal, federativa (rede), de forma ética e solidária, sempre procurando garantir o máximo de liberdade com responsabilidade, de igualdade econômica e liberdade política, enfim socialista libertária, anarquista.

Nenhum partido nos representa. Se ninguém trabalha por mim, ninguém fala em meu nome e ninguém decide nada por mim. Por todas essas e muitas outras razões somos totalmente contra a OBRIGATORIEDADE DO VOTO e como anarquistas pelo VOTO NULO.

Para finalizar como diria o Prof. Mauricio Tragtenberg “O voto universal é a aparência do governo popular. Os eleitos acabam emancipar-se da dependência do povo, e a política torna-se ciência oculta que a população não entende”²

Para os que quiserem conhecer mais sobre a posição dos anarquistas:

FAURE, Sébastien. Eleitor, Escuta! E A Podridão Parlamentar. IEL . SP. 2006.

COLOMBO, Eduardo. O voto e o sufrágio universal. <https://colectivolibertarioevora.wordpress.com/livros-digitais/>

BAKUNIN, KROPOTKIN, MALATESTA, MIRBEAU, GRAVE, VIDAL, ZOD’AXA, BELLEGARRIGUE,

CUBERO. Os Anarquistas e as eleições. Imaginário. SP. 2000

KROPOTKINE, MALATESTA, CUBERO, GRAVE, MIRBEAU, BERTHIER. Os Anarquistas e as eleições. Imaginário e IEL. SP. 2014

ROSA, Rodrigo (trad) Não vote, organiza-se. Index Librorum Prohibitorum. SP. 2006. <http://brasil.indymedia.org/media/2006/09/361437.pdf>

BAKUNIN. A ilusão do sufrágio universal. <http://anarcopunk.org/biblioteca/wp-content/uploads/2009/01/bakunin-a-ilusao-do-sufragio-universal.pdf>

(1)DIMENSTEIN, Gilberto. Como não ser enganado nas eleições. Ática e Folha de SP. SP. 1994

(2) O Voto e as Ilusões. Prof. Mauricio Tragtenberg. Folhetim. FSP. 14/11/ 1982.

Texto de Antônio Carlos de Oliveira

Expediente: Boletim informativo do Centro de Cultura Social
ISSN: 1983-4691.

Textos para publicação: Enviar para o endereço eletrônico do CCS com até duas laudas, para análise e posterior aprovação.

VOTO E AS ILUSÕES

Maurício Tragtenberg

O voto universal é a aparência do governo popular. Os eleitos acabam emancipar-se da dependência do povo, e a política torna-se ciência oculta que a população não entende.

Há uma grande ilusão popular que o governo representativo eleito pelo sufrágio “universal” – analfabetos que constituem 50% da

população não votam – seja o governo do povo ou o povo do governo. O regime representativo tem uma história que é importante conhecer para avaliar o quadro eleitoral atual no País.

No século XII as cidades libertaram-se do jugo do Senhor e “juraram” organizar-se autonomamente para defesa mútua, organização da produção e troca, durante quatro séculos são o refúgio do trabalho livre na Europa. Os comerciantes criam “conjurações” para defender-se nas cidades, independentes do

Senhor, do Rei e da Igreja. Elas unem-se por um fórum, onde o povo é reunido pelo badalar dos sinos para discutir e resolver diretamente na praça seus problemas. O Senhor que inicialmente é chefe de um “bando” recebendo tributo e vendendo proteção tornou-se Rei. O “fórum” expulsou-o e ele refugiou-se em uma nova cidade. Com as guerras vieram os exércitos permanentes, favoreceu-se a concentração de poder no Estado e as “comunas” urbanas decaíram e perderam sua autonomia. Nos séculos

XIV e XV, formou o Rei o “Conselho de Nobreza” e o “Conselho do Clero” nascendo assim os parlamentos; com poder limitado: votação de créditos para guerra, dependiam de sua aprovação, diferente do poder ilimitados dos parlamentos atuais. Após esmagamento das revoltas camponesas, com o auxílio dos comerciantes concentra-se o poder do Rei, os subsídios transformam-se em impostos, a burguesia alia-se ao Rei e os camponeses são reduzidos à servidão.

A burguesia para defender-se da desobediência do povo e da recusa a pagar impostos, na Revolução Francesa, cria a Assembleia Parlamentar, fazendo-se defensora do governo representativo, onde o povo elege seus “defensores”: é o governo por procuração. O maior dos preconceitos políticos radica na fé num governo representativo, por procuração. Sob a Monarquia ou República ele mostra apenas que o povo não se governa a si próprio. Ele é governado por representantes vinculados ao poder econômico dominante na sociedade, às “máquinas burocráticas” dos partidos políticos. No processo eleitoral o povo abdica de sua própria iniciativa colocando-a nas mãos de uma assembleia de “eleitos”. As Constituições tradicionalmente desrespeitadas, são refeitas para uso de todos. Mesmo aqueles que pretendem mudar o regime de propriedade não ousam tocar no regime representativo, procuram preservar custe o que custar o governo sob procuração. O Parlamento torna-se instrumento e intrigas palacianas, enriquecimento pessoal e carreirismo político.

A liberdade real implica em não ser representado abandonando tudo aos eleitos, mas, procurar lutar socialmente por si mesmo através das coletividades organizadas a partir dos locais de trabalho.

Ação direta do povo

Muitos acham que o regime parlamentar nos deu as liberdades políticas, esquecendo que a liberdade de imprensa, reunião e associação foi arrancada no país matriz do Parlamento – Inglaterra – através da ação direta do povo. Os operários no século XIX conquistaram seu direito à greve através da ocupação das manufaturas. Derrubando as grades do Hyde Park londrino onde era proibida sua entrada, conquistaram seu direito à palavra na rua. Atribuir aos parlamentos o que é devido à ação popular é pensar que basta existir uma Constituição para que haja liberdade e direitos respeitados.

O regime representativo introduzido na Europa pela burguesia trouxe algumas vantagens ao povo, porém, o monárquico sob os senhores feudais também o fizera, nem por isso endeusaremos a Monarquia.

O regime representativo surgiu com a burguesia e com ela desaparecerá. Qualquer governo, seja constitucional ou não, tem tendência a alargar seu Poder sobre o trabalhador e pelo Parlamento tende a legislar sobre tudo e intervir em tudo que é de sua competência ou não.

O voto universal é a aparência do governo popular; cada deputado é eleito por certo número de eleitores; o corpo eleitoral na sua totalidade não é representado. O parlamentar para transformar um projeto em lei, tem que fazer concessões, transações, conchavos, onde as considerações clientelísticas e partidárias predominam. Os deputados, senadores ou governadores, longe do povo, acabam por aumentar seu poder, emancipando-se da dependência do povo, o de “todo poder saído do povo”, mas que a ele não volta. A política torna-se ciência oculta que o povo não entende.

Os candidatos defendem ferreamente seus programas, fá-lo-ão após eleitos?

Nesse processo político a propaganda dos princípios é substituída pela propaganda das pessoas. O único interesse dos partidos é a vitória das candidaturas.

A ilusão eleitoral consiste em pensar que depositando ritualmente um voto numa urna, o povo detém algum poder de decisão quando o candidato é escolhido via “compra da legenda” em dinheiro, indicação via comissão estadual ou federal, onde tem grande peso o “capital de relações sociais”.

A ilusão eleitoral leva o povo à inércia, ao endormecimento, esperando que alguém lute por ele. No fundo, é uma escola de conformismo social, onde confunde-se mobilização popular real partindo dos próprios interessados em defenderem suas reivindicações, com arregimentação de povo em comício onde alguém indicado fala por ele.

Administradores da crise

No quadro nacional observa-se a existência do PDS e PTB como situacionistas e PMDB, PT e PDT como opositores.

O Partido Trabalhista Brasileiro criado por Vargas para conter o povo quando saía dos limites permissíveis estabelecidos pelo Poder, contou com forte apoio operário e forneceu a grande maioria dos “pelegos” sindicais e burocratas da Previdência Social, que infelicitam o País.

O PMDB tende a transformar-se quanto mais passa o tempo em PMDS. Isso é, em São Paulo, tenderá a definir os poderes de mando, nas mãos do “clã parental” do senador Montoro como apoio dos “quadros” do antigo Partido Democrata Cristão. Os “esquerdistas” do PMDB tenderão a se tornar marinheiros: irão ver navios.

Constituído como um conglomerado de tendências, essa grande “frente de aliança de classes” que é o PMDB só não implodirá após as eleições na medida em que seus governadores eleitos tenderão nas mãos o poder de nomeação para milhares de cargos públicos.

O peso da classe média e da camada intelectual nesse processo político não é desprezível, assim, via partidária tenderão a ascender como “assessores do Rei” se constituindo em profissionais da dominação. Terão um discurso muito radical e uma prática muito medrosa.

Elegendo governadores em vários estados, o PMDB, nessa fase de crise do capitalismo mundial, elegerá os administradores da crise, que daqui a um ano ou pouco mais se verão na opção: reprimir o povo e continuar a testa do Estado ou não fazê-lo e ser deposto pelo poder federal por não ter “salvaguardado” a ordem.

O partido dos Trabalhadores que inicialmente constituiu uma esperança de valorização da auto-organização dos mesmos, ao eleger o caminho eleitoral e tende a formar, em cada trabalhador vereador, deputado ou senador, um ex-trabalhador.

Se não definir com clareza seu objetivo em termos de mudança estrutural, poderá ser cooptado pelo regime transformando-se em seu “braço esquerdo”.

A eleição de Mitterrand na França e de Gonzalez na Espanha mostram a tendência do capitalismo em crise, optar por solução “social-democrática” (reformular para não mudar). Isso, na França, tem levado Mitterrand a propor o congelamento de salário e realizar uma política de “austeridade”, na mesma linguagem que o ministro Delfim Neto usa aqui há anos, e economistas do PMDB propõem como “solução alternativa” para a crise: racionalização. Esse conceito pode significar para o trabalhador a manutenção das condições terríveis de trabalho, superexploração da sua força de trabalho.

Vença quem vencer as eleições, nada muda no interior das fábricas, nos campos e nas oficinas. Nos escritórios, nos bancos, nos hospitais.

As relações hierárquicas de dominação e exploração continuarão as mesmas, só que administradas por um governo que, em “nome do povo”, poderá pedir-lhe “sacrifícios” e, se for o caso, usar o aparelho repressivo do Estado como usaram-no todos que ocuparam o poder de Cabral até hoje.

Não há soluções mágicas ou milagrosas. Um bom ponto de partida é definir que só mediante a ação livre e direta de todos os assalariados, auto organizados a partir de seus locais de trabalho, podem esperar ser ouvidos de seus locais de trabalho, podem esperar ser ouvidos e ter um lugar ao sol. No processo de suas lutas aprenderão a conhecer-se melhor e conhecer aqueles que em seu nome querem falar. Não há vida por procuração, cada um tem que viver a sua, assim como, não há luta por procuração, cada grupo humano tem que auto organizar-se para travar a sua luta. A união dessas lutas será mais significativa que qualquer eleição. A solidariedade é o maior exemplo. O resto é literatura, e má.

Concluindo, a ilusão eleitoral faz parte da “ilusão do político” onde intelectuais e políticos tendem a crer como suas (independentes da base econômica) as metas que se propõem a si e aos outros.

O texto acima cita elementos do período histórico da década de 1980 e foi publicado no suplemento Folhetim - Folha de São Paulo - 14/11/1982 Maurício Tragtenberg (1929-1998) foi sociólogo, professor da PUC-SP, USP e Unicamp e colaborador do CCS

PROGRAMAÇÃO

30/01/16, sábado, 15h

Assembleia do CCS

20/02/16, sábado, 16h

Bate-papo “A Presença da Mulher nos Zines e HQs”, com **Thina Curtis e Fabi Menassi**

05/03/16, sábado, 16h

Palestra “A Doença e as Duas Mortes de Salazar: Representações Literárias” com **Luiz Maria Veiga**

12/03/16, sábado, 16h

Debate “Cannabica - Queimando Mitos Acendendo Fatos: Entre O Anarquismo e o Antiproibicionismo!” com **Rafael Morato Zanatto, Eder Capobianco** (Art-design), **Fernando Silva** (assessoria jurídica) e **J.R. Bazilista** (Direção de Arte). Lançamento do **Jornal “Cannabica”**

19/03/16, sábado, 16h

Palestra “Kropotkin e a divergência com Huxley e a luta pela sobrevivência” com **Amir El Hakin de Paula**

20/03/16, domingo, 16h

Conversação “Revolução em Rojava”, relatos de **Paul Z. Simons**

02/04/16, sábado, 16h

Exibição e debate documentário “Fanzineiros do Século Passado” e oficina zines, com **Marcio SNO**

16/04/16, sábado, 16h

Atividade no **NELCA** (Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri) - Rua Luiz Laurindo Santana, Número 40, Sala 1, Guarujá/SP - com lançamento do livro “*Jaime Cubero Seleção de textos e entrevistas*”.

30/04/16, sábado, 16h

Mutirão para organização da biblioteca

14/05/16, sábado, 16h

Debate “Elogio à vaidade feminina – 3 contos escrito sobre mulheres por homens” com **Miquelina Bernarda Veiga**

25/05/16, sábado, 16h

Palestra “Kropotkin e a Luta Contra o Darwinismo Social”, com **Amir El Hakin de Paula**